mente publicações de artigos científicos, dissertações e teses.

Como base de banco de dados estabeleceu-se: Google Acadêmico, Bireme, LILACS e Mideline.

Nos achados obteve-se o total de 16.800 artigos, após a leitura do título foram selecionados 317, após letirua do resumo somente 10 atendiam ao objetivo deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da pesquisa realizada encontram-se os seguintes 10 artigos que mencionam a importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem na educação infantil.

Autor / Ano	PEREIRA, Adriana Gomes; CASTRO, Yasmim Alina de Araújo; RÊGO, Ilanara Almeida; CASTRO, Ícaro Filipe do Araújo. (Ano 2018).
Título	A Importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem em turmas de pré-escolas do ensino público de Pastos Bons, Maranhão, NE/Brasil.
Objetivo do Estudo	O objetivo desta pesquisa foi conhecer a importância do lúdico na visão de professores de educação infantil de escolas públicas de Pastos Bons-MA e como ele é trabalhado no cotidiano em sala de aula.
Método	A pesquisa em questão, que tem como tema o lúdico em sala de aula, se caracteriza como básica de natureza observacional, do tipo pesquisa de campo.
Conclusão	Em uma pesquisa sobre a ludicidade, observou-se que as atividades lúdicas com objetivo pedagógico nem sempre são facilmente realizadas, principalmente por falta de espaços próprios para tais atividades, como pátio ao ar livre, brinquedotecas e bibliotecas. Mesmo assim, os professores comprometidos com o uso da ludicidade como instrumento de aprendizagem desenvolvem alternativas que facilitam o aprendizado de tais alunos.

Autor / Ano	SOUZA, Dauseni Alves de. (Ano 2018).
Título	O lúdico como facilitador de aprendizagem na educação infantil.
Objetivo do Estudo	Objetivo geral verificar como ocorria o trabalho com o lúdico em uma sala de Pré- escola (5anos) no município de Cavalcante – GO.
Método	Para atingir o objetivo foi utilizada a pesquisa exploratória, os dados foram coletados através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo.
Conclusão	Tanto a pesquisa bibliográfica como a pesquisa de campo, mostraram que a ludicidade contribui com o desenvolvimento integral das crianças da Pré-Escola. Por isso o professor deve propiciar as crianças jogos e brincadeiras que sejam praticadas no dia -a- dia delas.

Autor / Ano	RAIOL, Dianny Maria Nunes; SOUZA, Maria de Deus do Espírito Santo. (Ano 2017).
Título	O Lúdico como ferramenta para o processo ensino – aprendizagem na educação infantil.
Objetivo do Estudo	Com o objetivo de observar a forma como o lúdico está sendo trabalhado pelos docentes no processo ensino aprendizagem em turmas do PRÉ I e II, pesquisar a formação acadêmica e a metodologia utilizadas para trabalhar o lúdico pelos professores da Escola Municipal de Educação Infantil Clube de Mães, observar se a infraestrutura da Escola é suficiente para trabalhar o lúdico, verificar o interesse e/ou a falta de interesse dos alunos pelas atividades lúdicas durante as aulas, reconhecer a importância do material pedagógico na aplicabilidade do ensino lúdico e no desenvolvimento de aprendizagem.
Método	Utilizou se uma pesquisa bibliográfica, bem como uma pesquisa de campo e quanto a sua natureza a qualitative, tendo como instrumento de coletas de dados a elaboração de questionários com seis perguntas abertas destinadas a diretora, coordenadora pedagógica e professores, sobre a problemática em questão, em seguida analisando e sistematizando os dados coletados na observação do lócus de pesquisa no espaço tempo de sala de aula e interpretados aos conhecimentos conquistados nessa pesquisa e anteriores a mesma.
Conclusão	Compreende-se que o lúdico é uma técnica de ensino que é digno de consideração especial. No que exprime a sua importância no ensino aprendizagem e a forma como é proporcionado o seu acesso na Educação Infantil, para que possa favoreça assim um espaço institucional criativo, estimulador, dinâmico, prazeroso, consistente e completo.

Autor / Ano	SILVA, Maria Albertina Araújo; SILVEIRA, Maria Antônia da Sousa. (Ano 2017).
Título	Educação infantil e suas especificidades: O lúdico no processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil na E.M.E.F. Castelinho do Pequeno Príncipe.
Objetivo do Estudo	O presente trabalho tem como objetivo fazer uma abordagem sobre as atividades lúdicas, na escola municipal de ensino infantil, Castelinho do Pequeno Príncipe, Novo Repartimento, Pará.
Método	A metodologia foi estruturada na pesquisa bibliográfica e qualitativa, questionário, e na observação de campo com enfoque para o cotidiano e as práticas pedagógicas das professoras do Pré II da Escola Castelinho do Pequeno Príncipe, e analisarmos se havia inserção de práticas lúdicas no processo de ensino aprendizagem.
Conclusão	Os primeiros anos na escola as crianças, independente de qualquer classe social têm os mesmos direitos de serem educados. Dessa forma foi relevante enfatizar e rever a importância da ludicidade em sala de aula e nas práticas das docentes, foi gratificante saber que o lúdico diante de tanta decadência, ainda é possível resgatar a cultura, que para muitos pensam que não contribui no processo de ensino aprendizagem.

Autor / Ano	SOUZA, Laide Oliveira da; ROCHA, Luciana Correa da. (Ano 2017).
Título	A Presença do lúdico no processo do ensinoaprendizagem em uma escola de educação infantil de Nova Esperança do Piriá-Pa.
Objetivo do Estudo	Objetivos de descrever o trajeto do lúdico no contexto educacional, identificar a importância das brincadeiras, jogos e símbolos a partir das práticas pedagógicas na educação infantil, entender os tipos de jogos ou brincadeiras que o professor mais utiliza em suas aulas; e observar as principais dificuldades encontradas pelos educadores na utilização de brincadeiras em suas aulas.
Método	A pesquisa foi de natureza aplicada, nas abordagens qualitativas e quantitativas, sendo descritiva e exploratória.
Conclusão	Cabe salientar que as atividades lúdicas são influentes e significativas em todos os aspectos do desenvolvimento do ser humano, seja na construção do conhecimento, na progressão psicológica e física-motora, no desempenho sociocultural e ético, enfim, são inúmeras os benefícios da utilização das atividades lúdicas na vida da criança. Portanto, sendo estas bem planejadas, a criança vai estar brincando sim, mas segundo a convicção dela.

Autor / Ano	ALVES, Maria de Fátima do Cavalcante; MENDONÇA, Raimundo Carvalho de. (Ano 2016).
Título	Aprender brincando: O uso do lúdico no processo de ensino-aprendizagem em uma escola no ensino infantil de Garrafão do Norte, PA. Nova Esperança do Piriá 2016.
Objetivo do Estudo	Este estudo objetiva compreender como as brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento da criança em sala de aula na visão dos professores da Educação Infantil tendo como campo de pesquisa a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental "Mundo Encantado", em Garrafão do Norte, estado do Pará.
Método	A pesquisa inicia com um estudo bibliográfico com base na concepção de teóricos como Piaget e Vygotsky. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de método qualitativo, com a aplicação de questionários a uma população composta por nove professores, sobre a importância do lúdico e sua contribuição na aprendizagem.
Conclusão	Esta pesquisa serviu de apoio para enriquecer nosso conhecimento e despertar em nós um sonho que era compreender a importância do lúdico para o desenvolvimento da criança. Verifica-se que o objeto da pesquisa não foi totalmente positivo, mas ficou bastante claro o porquê do distanciamento do lúdico nas práticas educativas dos professores, mas o que se pode observar claramente diante das questões colocadas na pesquisa que o lúdico é de extrema importância.

Autor / Ano	LOUCHARD, Márcia Cristina Farias; LOUCHARD, Maria das Graças Palheta. (Ano 2015).
Título	O lúdico e o processo ensino aprendizagem na Escola de Educação Infantil Criança Feliz.
Objetivo do Estudo	A presente pesquisa objetiva descobrir de que maneira podemos desenvolver atividades lúdicas que desperte o interesse da criança em estudar, principalmente quando o lúdico envolve o brincar e o aprender tendo como base uma relação entre fatores teóricos e ações práticas observadas por meio de investigação e elencadas através dos resultados obtidos no final do trabalho.
Método	Adotou-se como metodologia a pesquisa de campo do tipo qualitativa e quantitativa, onde os resultados foram obtidos por meio da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas direcionadas a 05 professores da Rede Municipal de Ensino.
Conclusão	Percebeu-se que um dos instrumentos metodológicos que pode contribuir para o crescimento didático, político e social, sem dúvida é a construção de planejamento com aulas lúdicas que possam subsidiar o trabalho do professor sem que o aluno perceba que está na escola sendo obrigados a frequentar as aulas.

Autor / Ano	VIEIRA, Vania Gomes. (Ano, 2014).
Título	Brincar e aprender na educação infantil: Compreensões acerca do lúdico no processo de ensinoaprendizagem.
Objetivo do Estudo	Analisar o que professoras e monitoras compreendem sobre o lúdico nas atividades em sala de aula; refletir a utilização de jogos e brincadeiras nas práticas pedagógicas de professoras e monitoras e discutir a relação existente entre o lúdico e a aprendizagem escolar.
Método	A pesquisa é de caráter exploratório e qualitativo; e a análise dos dados foi efetivada mediante a análise temática.
Conclusão	Os resultados da pesquisa nos apontaram que, ainda, existem compreensões voltadas para o ensino tradicional na Educação Infantil e que implica em um modelo que faz com que a criança nem sempre tenha as melhores condições para se desenvolver de forma integral. Mas, podemos enfatizar que as atividades lúdicas representam a grande aliada para o desenvolvimento da criança em suas várias dimensões e obtivemos durante a pesquisa alguns dados que nos mostraram a relevância deste tipo de atividade em sala de aula.

Autor / Ano	LIMA, Ivani Maria Fernandes de. (Ano, 2014).
Título	Educação infantil: O Lúdico no processo de ensino aprendizagem.
Objetivo do Estudo	Objetivo geral deste trabalho foi investigar o lúdico no processo de ensino e aprendizagem da educação infantil em uma escola pública municipal da cidade de Goiás/GO.
Método	A opção da metodologia de pesquisa foi a abordagem qualitativa, na qual utilizamos como instrumento de coleta de dados a aplicação de um questionário a duas professoras da escola escolhida.
Conclusão	Os dados expostos neste trabalho tiveram como intuito demonstrar aos leitores o quanto é importante a prática pedagógica com o lúdico na escola, especialmente, na educação infantil. Nos depoimentos das educadoras ficou evidente a importância dos trabalhos pedagógicos direcionados ao lúdico. Ressalto, ainda, quão grandes são os desafios e as barreiras que ainda precisam ser transpostas para que o trabalho com o lúdico seja realizado de forma plena.

Autor / Ano	ABREU, Paula Leon do. (Ano, 2013).
Título	O Lúdico na educação infantil como facilitador do aprendizagem
Objetivo do Estudo	Objetivo identificar como o lúdico influencia no aprendizado, em especial nos alunos da Educação Infantil.
Método	A pesquisa de cunho qualitativo, foi desenvolvida por meio de um questionário aplicado para quatro professores formados em Pedagogia e atuantes na Educação Infantil.
Conclusão	Ao término do presente estudo, conclui que é fundamental que o lúdico seja aplicado no ambiente escolar como metodologia de trabalho que possibilita à criança a facilitação da aprendizagem.

Dos achados todos artigos mencionam a importância do lúdico no processo, de ensino aprendizagem, importante recurso didático que enriquece e beneficia o aprender no espaço escolar, melhorando conhecimento e emoções das crianças, sendo assim corrobora com o objetivo inicial deste artigo (CRUZ, 2009).

Conforme Silva (2015), evidenciou-se que o trabalho com o lúdico é importante para desenvolvimento educacional das crianças, promovendo a imaginação, criatividade e trabalho em grupo, tornando as aulas mais proveitosas.

Destacou-se que é na brincadeira, jogo ou atividade lúdica que a criança amplia seu próprio conhecimento, de si, do ambiente e do mundo, manipulam e exploram objetos, interagem socialmente, desenvolvem múltiplas linguagens, tomam decisões, criam regras, organizam pensamentos e compreendem limites (PINTO e TAVARES, 2010).

Dentre as pesquisas verifica-se que os profissionais tinham conhecimento ou formação sobre a temática lúdica, entretanto apoutou-se que a falta de espaços adequados para aplicabilidade de atividade lúdicas prejudica sua oferta.

Todavia o lúdico é primordial na educação infantil, para questões muito além das conteudistas, causar desenvolvimento infantil vai além disso, é uma questão de formação de identidade,, social, cultural, cognitiva e emocional, sendo um questão importante a ser considera na didática em sala de aula (OLIVEIRA, 1995).

CONCLUSÃO

Nos resultados obtidos verificamos que o lúdico é primordial para que a aprendizagem ocorra de forma prazerosa e não somente como conhecimentos as serem transmitidos. Sendo de suma importância a apropriação da temática dos professores para que seja implementado nas salas de aula, deixando de ser apenas uma teoria e passando a ser vivência. Importante também pensar nos espaços escolares de forma planejada, para que os ambientes estimulem o lúdico seja no intervalo ou sala de aula.

Vale destacar que não é o brincar pelo brincar, há objetivos subliminhares nas atividades lúdicas que muitas vezes passam por despercebido no ambiente escolar. É com essas atividades que os alunos descobrem a si, o mundo e o outro, se desenvolvendo, socializando e modificando ambientes, se formando enquanto identidade e pessoa.

Nesta fase da vida é de suma importância promover o desenvolvimento integral dessas crianças, ela é a base fundamental para o contínuo processo escolar, muitas vezes desvalorizado, mas de caráter primordial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Paula Leon de. O Lúdico na educação infantil como facilitador de aprendizagem. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília. Braíslia, DF, 2013.

ANDRADE, Mª Margarida de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Atlas, 1999.

ANDRADE, Simei Santos. O lúdico na vida e na escola: desafios metodológicos. Curitiba: Appris, 2013.

ALVES, Maria de Fátima de Cavalcante; MENDONÇA, Raimundo Carvalho de. Aprender brincando: O uso do lúdico no processo de ensino-aprendizagem em uma escola no ensino infantil de Garrafão do Norte, PA. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Federal Rural da Amazônia. Nova Esperança do Piriá, 2016.

BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. Introdução. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. Manual de Educação Infantil. 9. ed. De 0 a 3 anos. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 13-37.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: promulgado em 13 de julho de 1990. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 1999. (Coleção Saraiva de Legislação).

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da Aprendizagem. Petrópolis:

Vozes, 1987.

CAMPOS, Maria Célia Rabello Malta. A importância do jogo no processo de aprendizagem. 2013. Disponível em: http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=39. Acesso no dia 15 de Janeiro de 2022.

CRAIDY, Carmem, KAERECHER0, Gládis E. Educação infantil pra que te quero? Porto Alegre. Artemed, 2001.

CRUZ, Jonierson de A. da. O lúdico como estratégia didática: investigando uma proposta para o ensino de física. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE

FÍSICA – SNEF, 18., 2009 – Vitória, Es. Anais... Vitória, Es. 2009. p. 1-8.

FANTACHOLI, Fabiane Das Neves. O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras – Um Olhar Psicopedagógico. 5ª Edição. 12/2011.

KISHIMOTO, T. M. (org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. KISHIMOTO, Tizuco (org). Jogo, brinquedo, brincadeira e educação.

São Paulo: Cortez,1996.

LIMA, Ivani Maria Fernandes de. Educação infantil : o lúdico no processo de ensino aprendizagem. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia à distância, 2014.

LOUCHARD, Márcia Cristina Farias; LOUCHARD, Maria das Graças Palheta. O lúdico e o processo ensino aprendizagem na Escola de Educação Infantil Criança Feliz. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Plano Nacional de Formação de Professores, Campus Belém, PA, 2015.

MYERS, Robert G. Um tempo para a infância: os programas de intervenção precoce no desenvolvimento infantil nos países em desenvolvimento. Porto: Unesco, 1991.

NEGRINE, Airton. Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil: Simbolismo e Jogos. Porto Alegre: Prodil, 1994.

OLIVEIRA, Vera Barros. O Brincar e a Criança. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEREIRA, A. G.; CASTRO, Y. A. A.; RÊGO, I. A.; CASTRO I F. A. A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem em turmas de pré-escolas do ensino público de Pastos Bons, Maranhão, NE/ Brasil. BIOdiversidade: Educação, saúde e conservação. 1ª Edição. Uruçuí Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, 2018.

PIAGET, J. A Formação do Símbolo na Criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, Jean. Epistemologia Genética. Petrópolis: Vozes, 1972.

PIAGET, J. A Psicologia da Criança. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PINTO, Cibele Lemes; TAVARES, Helenice Maria. O Lúdico na Aprendizagem: Apreender e Aprender. Trabalho apresentado como requisito parcial parta conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Católica de Uberlândia. Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 226-235, 2010.

RAIOL, Dienny Maria Nunes; SOUZA, Maria de Deus do Espirito Santo. O lúdico como ferramenta para o processo ensino- aprendizagem na educação infantil. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Plano Nacional de Formação de Professores, Pólo São João de Pirabas, PA, 2017.

SILVA, I. M. O lúdico na educação infantil. IV Colóquio internacional educação, cidadania e exclusão, vol.1, p. 1-14, 2015.

SILVA, Maria Albertina Araújo; SILVEIRA, Maria Antônia de Sousa. Educação infantil e suas especificidades: o lúdico no processo ensino-aprendizagem na educação infantil na E.M.E.F. Castelinho do Pequeno Príncipe. Trabalho de

Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Plano Nacional de Formação de Professores, Pólo Novo Repartimento, PA, 2017.

SILVA, T.A.C. & GONÇALVES, K.G.F. Manual de lazer e recreação: o mundo lúdico ao alcance de todos. São Paulo: Phorte, 2010.

SANTOS, Elza Cristina. Dimensão lúdica e arquiteura: o exemplo de uma escola de educação infantil na cidade de Uberlândia – São Paulo , 2011. 363, :Il. Tese de Doutorado – Área de Concentração: Projeto de Arquitetura) – FAUUP.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. O brincar na escola. Metodologia lúdicovivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, Deusenir Alves de. O lúdico como facilitador de aprendizagem na educação infantil. 2018. ix, 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, CavalcanteGO,

2018.

SOUZA, Laide Oliveira de; ROCHA, Luciana Correa da. A Presença do lúdico no processo de ensino-aprendizagem em uma escola de educação infantil de Nova Esperança do Piriá-Pa. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Plano Nacional de Formação de Professores, Pólo Nova Esperança do Piriá, PA, 2017.

SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia. O debate Piaget/Vygotski e as políticas educacionais. Cadernos de Pesquisa n°. 77. São Paulo: Cortez/FCC. 1991. p. 69-81.

VIEIRA, Vania Gomes. Brincar e aprender na educação infantil: compreensões acerca do lúdico no processo de ensinoaprendizagem. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em pedagogia) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores Unidade Acadêmica de Educação Cajazeiras – PB. 2014

VYGOTSKY, L.S. Formação Social da Mente. SP: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA PRÁTICA, E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PEDAGÓGICA DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

FABIANA CRISTINA CIRINO

RESUMO

O foco deste artigo é analisar documentos que permitem entender a genuinidade dos contos de fadas na vida das crianças e oferecer mais uma ferramenta indispensável para seu processo de formação e aprendizado. Contar histórias é extremamente necessário, por ser benéfico e mexer com o imaginário infantil, causando influências significativas no período de desenvolvimento da criança, pois, por meio da assimilação dos conteúdos da história há uma fusão entre o real e o imaginário. Isto acontece porque a criança se identifica com os personagens e vive o drama que ali é apresentado de uma forma simples, porém impactante, ao mesmo tempo em que distrai a criança lhe apresenta virtudes e defeitos, lhe apresenta esperança e ensinamentos. As histórias apresentadas agem no inconsciente, por meio do prazer e emoções, devido ao simbolismo implícito nas tramas e personagens, facilitando à criança certa compreensão de valores básicos da conduta humana e de convívio social, mas principalmente auxiliando em seu desenvolvimento pessoal.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Contos de Fadas; Literatura Infantil; Imaginação.

INTRODUÇÃO

Abordando-se a importância de contar histórias no processo de alfabetização a partir da educação infantil, destacaram-se o surgimento da história e os benefícios e desenvolvimento que elas proporcionam na aprendizagem das crianças.

Inventar uma história é fato natural e espontâneo na criança, criá-la é uma forma muito completa de expressar sentimentos e ideias, é preciso, porém toda uma atitude positiva e criativa por parte do contador, de forma a ampliar esse poder de imaginação infantil. O principal nesta arte é saber despertar emoções, pois as forças da fantasia, sonho, magia, mistério e da intuição ainda atraem espontaneamente as crianças.

As histórias e os contos têm o poder de tocar profundamente as crianças, no seu desenvolvimento. No momento que a criança passa a ter contato com as histórias e os contos de fadas iniciam-se um processo de construção do "eu", assim os contos despertam a fantasia e a imaginação sendo possível com que ela tenha seu processo de autovalorização, tornando consciência, por meio da fantasia e situações inconscientes.

Como problemas questionam-se qual a importância de se contar histórias e qual a diferença entre ler e contar uma história? Como surgiram os contos de fadas e qual sua importância na formação das crianças? Como podemos incorporar os contos no currículo formal das escolas?

Como objetivo pretende-se abordar a literatura infantil, focando seus aspectos históricos e importância no cenário escolar, mostrando que a literatura constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento, processando transformações.

A metodologia desenvolvida neste artigo foi à revisão bibliográfica em livros e documentos que falam sobre o tema desenvolvido.

Por este, ser um trabalho de análise documental, não se pretende dar por encerrada a discussão sobre o processo de ensino, mas sim, considerar as histórias e os contos infantis como uma ferramenta psicopedagógica que deva ser utilizada pelos educadores no processo de alfabetização das crianças.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Ao se falar em educação escolar o que primeiramente nos vem à cabeça é a escola é se a mesma cumpre eficientemente esse papel. Frequentemente ouve-se frases que apresentam a escola de nossos avôs com um modelo de ensino organizado e produtivo. Antigamente se aprendia mesmo, dizem alguns, naquele tempo os alunos eram bem mais educados, dizem outros.

Sem querer discutir a eficiência dessa escola e sem querer discutir ou questionar se os alunos daqueles tempos eram mais obedientes do que educados, pretendemos apontar os porquês que nos levam a rever e discutir conceitos e práticas escolares centenárias, buscando criar oportunidades, como o empreendedorismo que se afirmar hoje como um novo passo em educação.

Nunca passou tanto tempo em educação como nos dias atuais. Artigos, congressos, palestras e cursos problematizam o tema, levantando hipóteses, discutindo experiências e propondo caminhos. Com tudo isso, resumirá em poucas palavras, a razão pela escolha do nosso tema, por meio da seguinte pergunta: Porque nós, educadores, temos que rever constantemente nossa prática?

Dentro dessa mesma questão, qual o papel da família? Como somar esforços entre família e escola para obter resultados expressivos na formação do aluno? Sabemos que tanto a família quanto a escola passaram por várias situações e mudanças no decorrer dos anos.

Muitos questionam e desconhecem o modelo de escola firmado hoje o qual é mais apropriado. Outros preferem um modelo educacional com mais conteúdo e disciplinador, alegando que a escola de hoje é muito permissiva. Exceções à parte entendem que para grande parte dessas pessoas, ainda param dúvidas sobre qual o melhor modelo de escola.

Disso decorre que aquela máxima das famílias sobre educação de priorizar para seus filhos apenas um curso preparatório visando o ingressar de uma universidade, não funciona mais. Da mesma forma que a escola deve ser gerida como uma pressa produtiva que oferece educação de qualidade, a família deve entender que educação básica é investimento prioritário.

A física nos ensina que vida é movimento. A história diz que sociedades surgem e desaparecem. A escola não deve ficar na contramão das mudanças sociais. Disso deriva nossa ideia de que formar sujeitos empreendedores é um novo passo na educação. Para isso precisamos prioritariamente rever conceitos, práticas e modelos escolares.

Uma boa solução para enfrentar este problema é montar na escola um programa de leitura que se utilize, de livros de literatura. Em países como o Canadá e os Estados Unidos, muitas escolas já aboliram definitivamente o livro didático e utilizam-se dos livros de literatura para ensinar os mais diferentes conteúdos, mas, sobretudo, utilizam os textos literários para ensinar os alunos a ler e os contos, para que peguem o gosto pela leitura por meio de um mundo de fantasias e magia.

Segundo Thurler (2001) em seu livro inovar no interior da escola, o reconhecimento da escola como nó estratégico (Reforço do papel dos estabelecimentos escolares na gestão do sistema educativo) é desencadeado, na maioria dos casos, pela vontade das autoridades escolares de afirmarem sua firme determinação de modernizar o sistema educativo.

Para Fullan e Hargreaves (2003) ao mesmo tempo em que existem forças na sociedade induzindo á mudança, poucos educadores se encontram em condições de realizá-la, pois, esta experimenta sobrecarga de trabalho, isolamento, fragmentação de esforços e desespero crescente.

A maior parte dos professores e diretores não costuma se cumprimentar, se apoiar e reconhecer os esforços uns dos outros. Uns até reagem adversamente a um desempenho bem-sucedido. Ensinar como diz Paulo Freire (2011, p. 29),

"não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível".

Sucinta Ariés (2006, p. 123) em a história social da infância e da família, que esse sentimento surgiu no século XVII; quando a sociedade passou a ter consciência da particularidade infantil, particularidade essa que ao atribuir aos pais a tarefa pela educação da criança pequena, o que na época representava um grande avanço, pelo fato dos pais, até então, não terem essa responsabilidade, Comênios (2006) chamou a atenção para a importância desse período e suas repercussões na vida do ser humano.

Sua contribuição ampliou-se ainda mais ao esboçar o que deve ser trabalhado nesse período: a Metafísica, ciências Físicas, óptica, astronomia, geografia, cronologia, história, aritmética, geometria, estática, artes mecânicas, dialética, gramática, retórica, poesia, música, economia doméstica, política, moral (ética), religião e da piedade.

Como podemos perceber, não foram poucas as preocupações de Comênios (2006) em relação ao que a criança até 6 anos deveria aprender. Não podemos, porém, deixar de ressaltar que o plano da escola materna, elaborado por Comênios, apresentou aspectos importantes que, até hoje, são essenciais no desenvolvimento de propostas educativas junto à criança.

A LEITURA PRAZEROSA

A leitura foi criada para o prazer e não ser imposta como dever, pois o livro é um contador de história, e a estimulação do leitor faz com que o autor tenha mais inspiração, criando novos personagens e novos episódios. Esta interrelação entre o livro e o leitor é muito forte, o leitor se comporta como um verdadeiro leitor, digamos até que, um cúmplice do próprio texto.

O livro se coloca a disposição do leitor, abrindo a diversidade das coisas que são imaginárias. O leitor passa a ter a significação da própria existência do livro. A ampliação da leitura se torna efetivamente correta pela inspiração que é colocada como elemento importante quando os pais acompanham seus filhos à noite até a cama e conta-lhes uma história.

Essa criança ao chegar à escola participará com prazer das atividades de leitura desenvolvendo e assimilando os diferentes tipos de textos. Demonstrará o prazer de leitura. Assim o aluno voltará para casa, cheio de confiança e feliz. Quando o aluno se torna um leitor frequente não significa que tenha que ler tudo que lhe for imposto, pois ele dispõe de alguns direitos (PERRENOUD, 2010), os quais são apontados como sendo:

O direito de não ler, não se deve considerar a leitura uma obrigação, o importante é oferecer às crianças a oportunidade de aprender a ler.

O direito de pular páginas, o leitor tem o direito de pular páginas que não acha interessante para a sua leitura.

O direito de reler, o reler pode acontecer mediante as várias situações, mas todas elas remetem à gratuidade de novamente se interar com o mesmo texto.

O direito de ler o que quiser condenar um leitor, porque lê o que para os pedagogos não é um bom texto, é o mesmo que não se lembrar da sua própria adolescência, e impedir que mais tarde este jovem leitor chegue por sua conta aos grandes textos.

O direito de ler em qualquer lugar, quando a leitura é prazerosa não conseguimos ficar muito tempo longe dessa leitura, contanto que não seja nas horas de outras obrigações essa leitura pode e deve ser realizada onde se desejar.

O direito de ler em voz alta, geralmente na própria família se inibe o ato de ler em voz alta e muitas vezes a própria escola determina que se faça a leitura com os olhos.

O direito de calar, O homem lê porque se sente só, a leitura é uma companhia que não ocupa lugar de outra companhia, mas, em contrapartida, nenhuma companhia o substitui.

As razões pelas quais levam o homem a ler são próprias e ninguém pode se sentir no direito de pedir um prestar contas dessa intimidade estabelecida. Como exemplo disso, temos as novas tecnologias informatizadas em suma à internet que indiretamente, fez uma grande revolução tanto na escrita como na leitura, criando novos estilos de linguagens.

A internet vem mudando nossa relação com a escrita e a leitura, naquilo que é basicamente um ambiente de texto. No entanto, ela está criando uma nova linguagem, baseada não só em termos técnicos e de comunicações usadas na internet, mas também em símbolos e siglas, que são utilizados para a comunicação (AGUERROUND, 2007, p. 7).

Acredita-se que a internet estimule a leitura pelas razões de comunicação por meio dos símbolos e siglas, além disso, abriu muitos outros recursos para o acesso a material impresso e a outros materiais que requerem leitura. O aspecto que essa tecnologia possui, é que serve como atalho no processo de pesquisa, dispensando o que esteja disponível nas bibliotecas.

Na verdade, a internet exige a leitura para uma comunicação por meio da escrita. Portanto, essas habilidades tornam-se cada vez mais importantes. Nem toda leitura de mundo é correta. Leituras equivocadas podem levar os desastres políticos. Alunos chegam à escola com leituras equivocadas sobre o funcionamento do universo, da natureza ou da sociedade. O mesmo ocorre no mundo da alfabetização.

Conforme Silva & Carbonari (2002 apud SALES, 2016, p. 4).

A leitura é aqui considerada como sendo uma atividade dinâmica de recriação dos sentidos existentes no texto quer sejam deliberadamente expressos ou simplesmente intuídos a partir da experiência de vida do leitor, numa relação de intertextualidade que enriquece e amplia o sentido imediato daquilo que é lido (SILVA & CARBONARI, 2002, p. 103).

De acordo com Silva & Carbonari (2002 p. 104 apud SALES, 2016, p. 5) as concepções de leitura oral estão reunidas em quatro grandes grupos, a saber:

Leitura pressuposta: o professor pressupõe a compreensão do texto pelo aluno, como matéria lida, fosse imediata-

mente entendida.

Leitura instrumental: constitui-se numa estratégia mecânica, na qual o que interessa não é o conteúdo dos textos, mas a simples emissão da voz, o que deve ser feita com entonação, pontuação, e ritmo adequado.

Leitura seguida de trabalho de aprofundamento no texto baseado numa concepção de aprendizagem como um sistema imunológico: nestes episódios, após, uma leitura oral, há sempre uma explicação do professor a respeito da matéria lida.

Leitura seguida de trabalho assentada numa concepção dialógica de aprendizagem: após a leitura ora, há questionamentos ou problematizarão do tema abordado. Os alunos contribuem com opiniões pessoais e constroem relações que enriquecem o texto lido.

Contudo, imerso a toda essa questão, podemos afirmar convictos que a leitura de histórias é uma das atividades mais prazerosas que existem, pois consegue levar-nos a mundos de encantos e fantasias, onde os personagens somos sempre nós mesmos.

LITERATURA INFANTIL

Conforme Nelly Novaes Coelho (2011) a Literatura Infantil é:

> Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhado pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO, 2011, p. 5).

Ela desenvolve a criatividade humana, leva a refletir sobre o indivíduo e a sociedade. “Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo” (COELHO, 2010, p. 27).

A Literatura, como toda arte, é a expressão do próprio homem. Como expressão humana, conduz ao autoconhecimento e por sua natureza ficcional, à imaginação. Num mundo tão conturbado como o nosso, a literatura é o espaço da criação, da liberdade de pensar, retirando a criatura da escravidão de pensamentos, da passividade própria de uma sociedade dominadora (COELHO, 2010, p. 27).

Conforme a Wikipédia (2013) a literatura infantil é destinada especialmente às crianças entre dois a dez anos de idade. O conteúdo de uma obra infantil precisa ser de fácil entendimento pela criança que a lê, seja por si mesma, ou com a ajuda de uma pessoa mais velha. Além disso, precisa ser interessante e, acima de tudo, estimular a criança.

Obras literárias destinadas às crianças com dois a quatro anos de idade possuem apenas grupos de palavras ou poucas e simples frases. Aqui, livros são coloridos ou possuem muitas imagens e fotos, tanto porque a criança está apenas começando a aprender a ler, bem como estimula a criança por mais livros e histórias (WIKIPÉDIA, 2013).

Livros dedicados a leitores entre quatro a seis anos apresentam maiores grupos de palavras organizados em um

texto, sem abrir mão dos estímulos visuais mencionados acima. Podem-se incluir algumas histórias em quadrinhos, como por exemplo, a Turma da Mônica.

Já obras literárias feitas para crianças entre sete a dez anos começam a possuir cada vez menos cores e imagens, e apresentando textos cada vez maiores e fatos cada vez mais complicados e explicativos, uma vez que o jovem leitor, agora já em fase escolar, é estimulado a encontrar respostas por ele mesmo o começo da racionalização. (WIKIPÉDIA, 2018). Quase toda obra literária infantil possui algumas características em comum, embora exceções existam:

a) Ausência de temas adultos ou não apropriados a crianças. Isto inclui guerras, crimes hediondos e drogas, por exemplo.

b) São relativamente curtos e não possuem mais do que 80 a 100 páginas.

c) Presença de estímulos visuais.

d) Escrito em uma linguagem simples, apresentando um fato ou uma história de maneira clara.

e) São de caráter didático, ensinando ao jovem leitor regras da sociedade ou comportamentos sociais.

Já as obras fictícias, como as novelas e histórias, possuem mais diálogos e diferentes acontecimentos, com poucas descrições. Crianças são os principais personagens da história e possuem sempre um final feliz. Entretanto a literatura infantojuvenil é um ramo da literatura, dedicada especialmente às crianças e jovens adolescentes.

Por definição pode-se dizer que Literatura infantojuvenil é a necessidade de distinguir o texto literário do não-literário, por mais óbvio que tal distinção nos possa parecer. Isso ocorre pelo fato de que talvez como em nenhuma outra manifestação artístico-cultural, na Literatura Infantojuvenil os fatos que compõem a natureza estética do fenômeno artístico fazem-se inapelavelmente presentes.

Porém, é com Monteiro Lobato que vamos encontrar a nova fase da Literatura Infantil Brasileira como afirma Coelho (2011, p. 225): “A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje”.

Preocupado com a falta de produção brasileira no gênero literário, Monteiro Lobato escreveu a História do peixinho que morreu afogado. Desde então ficou conhecido como o maior autor de todos os tempos da literatura infantojuvenil brasileira, onde publicou dezessete volumes de produção do gênero literário. (AMORIM, 2003).

Após o sucesso da sua primeira história infantil, a do peixinho afogado, em 1921, Lobato publicava A menina do narizinho arrebitado. A editora era do próprio Monteiro Lobato, que chegou a doar quinhentos exemplares às escolas. O sucesso do livro foi tanto frente aos estudantes, que chamou a atenção do governo do estado levando-o a compra de milhares de exemplares para distribuição as crianças de todas as escolas paulistas (AMORIM, 2003).

O Sítio do Pica-pau Amarelo, com personagens próprios como Narizinho,

Emília, Pedrinho, Dona Benta e outros, vivenciado no meio rural foi imaginário daquela e de todas as gerações futuras. O restante da edição vendido em poucos meses fez da história de Narizinho marco o inicial da história da literatura infantojuvenil produzida no Brasil.

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. Literatura oral ou literatura escrita foram às principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição (COELHO, 2010, p. 16).

A partir daí surgiram grandes autores da literatura infantil e juvenil, como Pedro Bandeira, Maria José Dupré, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo, Natalino Ferraz Martins além de outros, expondo a criatividade e excelência do escritor brasileiro.

Quanto à literatura juvenil é um ramo da literatura dedicada a leitores entre dez a quinze anos de idade. Fatos comuns a obras literárias juvenis em geral incluem:

a) Temas de interesse ao jovem adolescente, muitas vezes controverso, como sexo, violência, drogas, relacionamentos amorosos, etc.

b) Personagens, especialmente protagonistas, da mesma faixa etária dos leitores.

c) Podem possuir imagens e fotos, mas não necessariamente; são basicamente constituídas de texto.

Além do que as obras literárias juvenis geralmente apresentam um número maior de páginas, podendo alcançar 200 a 300 páginas em vários casos.

O CONHECIMENTO ADQUIRIDO NOS CONTOS DE FADAS E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Abramovich (2006, p. 137) explica que os contos de fadas demonstram que imaginar é também recriar realidades, em momentos que eternizam o humor, a ironia, o engraçado. A autora enfatiza que existem autores que em sua criação permitem um ritmo frenético, uma agitação que contaminam o leitor, fazendo-o seguir o compasso da história e não conseguir se desligar dela.

Sendo o mito, a fantasia e o inusitado, parte da formação do ser humano, pois, é por meio da simbologia que a pessoa representa e exprime seus pensamentos, desde muito nova, os contos infantis ajudam na aquisição do conhecimento e levam a pessoa a conviver harmoniosamente consigo mesmo compreendendo seus conflitos e superando-os na medida em que cresce cognitivamente e estrutura sua personalidade.

Os contos de fadas falam dos medos que cada pessoa enfrenta na vida, daquilo que realmente a assusta e que é diferente do que causa medo ao seu vizinho. Traduzem os “medos dos silêncios imensos que abafam os gritos” ou então daquele medo que permite procurar a pessoa amada atrás de uma máscara, mesmo tendo sido solicitado que ela nunca fosse retirada, acaba revelando ou provocando, ao não ser o pedido respeitado um momento de horror. (ABRAMOVICH, 2006, p. 123).

Conforme Sales (2018, p. 3), é essencial se compreender todo o potencial que está resguardado pela simbologia dos contos de fadas. Também é possível aos pais, avós e professores perceberem que contar histórias é necessário, pois esse momento se converte em um precioso auxiliar do desenvolvimento infantil.

Relacionando de uma maneira harmoniosa a realidade e a fantasia, construindo sua identidade e buscando o caminho para superar as dificuldades inerentes ao crescimento, a criança enfrenta seus temores e se sente confiante para enfrentar sua vida adulta. Por isso, a grande importância dada por psicanalistas, psicólogos e professores, ao conto de fadas, ao maravilhoso na composição de uma personalidade sadia (ABRAMOVICH, 2004 apud SALES, 2018, p. 3).

Bettelheim (2008, p. 161) demonstra que as reações das crianças ao ouvir histórias fantásticas são de segurança, de conforto, pois elas sentem que estão superando dificuldades que não compreendem quais são e onde se localizam, apenas sentem uma sensação de bem-estar. Por isso, estas histórias possuem méritos definitivos.

Bettelheim (2008) declara que algumas crianças conseguem contrabalançar o impacto difícil vivido pela realidade que se mostra árdua com as esperanças e promessas contidas nos contos de fadas.

Uma pessoa criativa é capaz de processar as informações que dispõe, por meio de dados sensoriais que são acessíveis a todos os indivíduos. Ela percebe intuitivamente as possibilidades que lhe permitem transformar princípios em uma modalidade cognitiva responsável pelo pensamento, pelo raciocínio e por um complexo funcionamento mental. (SALES, 2018, p. 5).

Os contos de fadas têm uma singularidade que os fazem diferentes das demais histórias e não é o fato de possuir duendes ou fadas atrapalhadas que fazem de um conto qualquer um conto de fadas. Por isso Abramovich (2006, p. 121) declara que a “a magia não está no fato de haver uma fada já anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas”.

Os contos de fadas abrem a possibilidade de a criança perceber que a madrasta (a bruxa) que tem em casa é melhor que a bruxa (madrasta) do conto que lê e essa sensação fortalecem seus sentimentos dando-lhe valores que a sustentam. A satisfação fantasiada fornece combustível para a esperança de dias melhores, embora essas esperanças sejam limitadas e provisórias elas dão mecanismos compensatórios importantes para paz familiar. (BETTELHEIN, 2008, p. 161).

Considera-se assim, importante compreender a maneira como a criança pensa para então, trabalhar em direção à construção de seu conhecimento, utilizando objetos sócio-culturais como a Literatura Infantil para que ela possa decifrar esses objetos, usufruindo deles e reconstruindo seus pensamentos.

Piaget observou que, ao avaliar a gravidade das ações praticadas pelos personagens das histórias por ele contadas, a criança no estágio moral leva em consideração as intenções de quem age e não mais apenas as conseqüências de sua

ação. (BARROS, 2009, p. 180).

Conforme Bettelheim (2008) Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (apud SALES, 2018, p. 8).

Os contos de fadas estão envoltos no ambiente necessário para que a criança perceba que não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia. Por isso eles mantêm uma estrutura fixa: parte de um problema que está ligado à realidade vivida pelo personagem (penúria, carência afetiva, conflitos familiares) algo que causa um desequilíbrio ao clima de tranqüilidade com que se iniciou a narrativa. Em seguida, o desenvolvimento da história caminha em busca de uma solução, ainda no plano da fantasia, e nesse momento entram em cena elementos mágicos: anões, bruxas, magos, duendes e fadas que ou auxiliam ou atrapalham o desenrolar. (ABRAMOVICH, 2006, p. 121)

Os contos para Bettelheim (2008, p. 161) também mostram para criança que não é necessário suprimir a fantasia, ainda que sejam fantasias de vinganças dos pais. Quando está em seus momentos mais lúcidos, suas ideias de vingança são reconhecidas como injustas, pois seus pais lhes fornecem carinho, abrigo, proteção.

Se a criança se permite viver por meio dos contos de fadas as fantasias repreensíveis contra os pais ela não teme a retaliação e nem viver sentimentos considerados imorais. Por isso, por tantos séculos a ideia dos contos de fadas continua a manter um canal aberto para a criança vivenciar sentimentos que não consegue ou não pode expressar.

Nos contos de fadas, acontece uma mistura de fantasia ilógica e de lógica na realidade assim como acontece na vida e na essência familiar. Demonstra que, da mesma forma, também na família há múltiplas maneiras de interação que, estão continuamente ocorrendo, por vezes de forma simultânea. Elas podem ser desencadeadas pela forma como os pais se relacionam, ou pela maneira como tratam seus filhos, e dependem do aspecto de modernização vivido pelos membros da família. (ABRAMOVICH, 2006, p. 58).

Acredita-se que a criança entende que a história de contos de fadas garante a ela que um dia poderá construir seu reino, sua própria vida onde necessitará de toda força de sua personalidade, um momento em que seus conflitos estarão se resolvendo. Nesse seu reino poderá viver e agir sabiamente, conseguindo como os heróis que conheceu nos contos de fadas construírem sua maturidade.

Abramovich (2006) ressalta que ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar. Pode se sentir inquietado, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião. E isso não sendo feito uma vez ao ano, mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente o

que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo.

Conforme Bettelheim (2008) Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro.

Chauí (1991) afirma que os contos de fadas, tais como os conhecemos, são resultados de muitas elaborações na sociedade européia, fixados nos séculos XVIII e XIX, carregando as concepções desses séculos sobre a sexualidade (e sobre outras coisas também).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que por meio da contação de histórias consigam-se desenvolver o aprendizado infantil. O embasamento teórico é muito importante para que se corram menos riscos em cobrar habilidades que as crianças ainda não possuem e de provocar frustrações que afetem o desenvolvimento e a autoestima das mesmas.

Torna-se consenso entre os educadores e a sociedade em geral, que a escola na atualidade não deve ter apenas o papel de educar no sentido estreito da palavra, mas sim de formar cidadãos críticos e capazes de construir uma sociedade mais humana e igualitária.

As inúmeras mudanças que ocorrem na sociedade e consequentemente na estrutura de organização familiar exigem um papel mais atuante da escola na vida de cada criança, pois na maioria das vezes é a escola responsável pela transmissão do conhecimento e de valores fundamentais na definição do caráter do individuo, que ali vive boa parte da sua vida e constrói vínculos afetivos e de amizade que muitas vezes não encontra no interior do seu lar.

Os contos têm o poder de tocar profundamente as crianças, no seu desenvolvimento. No momento que a criança passa a ter contato com os contos de fadas inicia-se um processo de construção do “eu”, assim os contos despertam a fantasia e a imaginação sendo possível com que a ela tenha seu processo de autovalorização, tornando consciência, por meio da fantasia e situações inconscientes.

Conclui-se que os contos de fadas e a contação de histórias são caminhos favoráveis para o bom desenvolvimento da criança.

Por este, ser um trabalho de análise documental, não se pretende dar por encerrada a discussão sobre a importância dos contos de fada na formação das crianças, mas sim, criar possibilidades de ampliar o leque de debates e propor experimentos que venham a considerar os contos infantis como uma ferramenta pedagógica que deve ser utilizada pelos